

DOSSIÊ: —
**Categorizações Deformantes:
patrimônio de gestão dos
pobres (Mendigos, vagabundos,
população em situação de rua)**

APRESENTAÇÃO

O dossiê *Categorizações deformantes: patrimônio de gestão dos pobres (mendigos, vagabundos, população em situação de rua)* abarca reflexões em torno do estranhamento coletivo suscitado pela presença de pobres vivendo na rua, no contexto de objetivação hegemônica do projeto político e econômico neoliberal. Nesse contexto, profissionais da mídia, filantropos, agentes da intervenção pública e cientistas sociais ampliaram o investimento na produção de interpretações sobre o crescimento dessa apropriação do espaço público das cidades. Inicialmente foram as metrópoles e, posteriormente, as cidades de porte médio. Aí, homens, mulheres e crianças ampliaram a realização de atividades produtivas e remunerativas; muitos deles também adequaram a vida privada e familiar, os espaços de sociabilidade e atividades lúdicas.

Os autores que compõem este dossiê, embora também interessados na produção de interpretações, no caso, antropológicas, elaboram-nas orientados pela relatividade dessa supostamente recente, porque crescente, presença. Alguns dos autores investem mais diretamente na demonstração das especificidades situacionais dessa modalidade de ocupação de ruas em contextos específicos, tanto os que se distinguem pela diferenciação histórica como pela espacial. Eles foram por mim e por Cláudia Turra Magni convidados para, conosco, trazerem ao público leitor brasileiro, textos que exprimam reflexões pautadas em trabalhos de campo realizados em cidades como Paris, Moscou e Los Angeles. Para objetivar a reflexão coletiva, em correlação, contraponho essa produção àquela que vimos realizando sobre diversos estudos de

* Professora permanente do PPGA/UFF, bolsista de produtividade do CNPq.

caso no Brasil, procurando também relativizar os pressupostos daquele extemporâneo estranhamento, fundamentados na naturalização da invisibilidade da presença pública em contextos anteriores.

Por conseguinte, estamos todos empenhados na contraposição comparativa de contextos e fatores intervenientes, mas também de experiências diferenciadas de enfrentamento pontual de um problema social amplamente reconhecido e condenado, mas, contraditoriamente, aceito como fatalidade de histórias individuais ou familiares. Consideramos então vários termos de designação do segmento populacional, distinção que aponta para as alternativas dessa condição de vida na rua. Os termos deformam as razões dessa própria existência social, ressaltando um suposto perfil ou estilo de vida: *mendigos, vagabundos, homeless, sans domicile fixe, população* ou *morador de rua*. Tanto o é que, para efeitos de trabalho político de requalificação social, no Brasil alguns daqueles termos foram ressignificados: *meninos e meninas em situação de rua, população adulta em situação de rua*.

O diálogo que elaboramos – ou criamos oportunidades para que fosse elaborado – fundamenta-se na pujança do fenômeno nas atuais grandes e médias cidades do mundo ocidental. Entretanto, sem descarmos que, por diferentes fatores, ele também se apresenta em outras formações sociais, como o caso da casta dos intocáveis na Índia, que imediatamente salta aos nossos olhos de ocidentais.¹ O diálogo também exprime os fluxos da construção de um campo temático nessas grandes metrópoles, possível, inclusive, pela constituição de um mercado editorial que absorve produções do gênero jornalístico; depoimentos e histórias de vida, poesias; propostas oficiais e alternativas de intervenção; dados estatísticos e censitários; trabalhos de conclusão de curso de graduação; dissertações e teses, cada vez mais publicadas; programas interinstitucionais de pesquisa e de intercâmbio, tal como o que embasa a possibilidade de elaboração deste dossiê.

Os autores engajados na construção do dossiê, por vinculação como ex-orientando ou como diretor de tese na Université René Descartes, Paris V, Sorbonne, mas também por seminários, há algum tempo vêm mantendo o intercâmbio com grupo de pesquisa do *Laboratoire d'Anthropologie Urbaine* (CNRS), liderado por Patrick Gaboriau: um dos primeiros antropólogos a realizar trabalho de campo com observação direta entre os *clochards* em Paris. Ele tem orientado vários doutores, alguns dos quais

¹ Para conhecimento da situação da população que habita na rua, ver o texto de Robert Deliège. *Les intouchables em Inde – des castes d'exclus*. Paris, Imago, 1995, traduzido para o português e publicado pela editora Bertrand Brasil em 1996, sob título *Na pele de um intocável*.

deslocaram o espaço do trabalho de campo do Brasil para a França.² A amplitude da contribuição da equipe de pesquisadores franceses tem permitido assinalar, como aqui estamos destacando, a relatividade do impacto do crescimento dos *sans domicile fixe* ou *homeless*, porque há investimento em pesquisa documentária sobre outros períodos, como, por exemplo, deste próprio autor: *SDF à la Belle Epoque, L'univers des mendiants vagabonds au tournant des XIX^e et XX^e siècles*. Paris: Desclée de Brouwer, 1998.³

Considerando – não por pretensões de exaustividade – aquele registro de levantamento bibliográfico que nos foi possível, a mim e a Claudia Turra Magni, levar a efeito, proponho-me⁴ demonstrar a longa presença de segmentos populacionais que residem na rua, isto é, que abarcam diversos sistemas econômicos e políticos. Tomando em conta tão somente esses dados de bibliografia, procuro, inicialmente, valorizar a relatividade histórico-espacial, argumentando como o fenômeno social por muito tempo fora caracterizado pela *vadiagem*, *vagabundagem* e *mendicância*. Ao mesmo tempo, quero colocar em relevo as condições de produção da análise sociológica, referenciada à construção de diversos campos políticos de intervenção e definição dessa presença como problema social a ser gerido ou pretensamente impedido. E, por fim, quero destacar as diversas perspectivas disciplinares nas ciências sociais, na demografia, na história e na medicina, especialmente pela psiquiatria e psicologia.

Como os dados analisados e os princípios de interpretação e de interesses de pesquisa fazem referência a contextos históricos diferenciados, eles não podem ser confundidos ou pensados por equivalência. Os olhares atuais sobre a especificidade de fenômenos inerentes a contextos históricos passados (ou sobre as fontes) são devedores de estímulos e debates quanto a problemáticas e perspectivas construídas em campos acadêmicos ainda em construção e reconhecimento.

A diversidade de significações atribuídas às categorias de designação deformante, combativas dessa alegada inoportuna presença, já acentua o cuidado com esse reconhecimento interpretativo. Como meu interesse

² Outro exemplo dessa modalidade de intercâmbio se refere à GIORGETTI, Camila. Entre o Higienismo e a Cidadania – Análise comparativa das representações sociais sobre os moradores de rua em São Paulo e Paris. Tese de Doutorado apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e ao Institut d'Études Politiques de Paris, 2004.

³ Ou ainda, à guisa de exemplo: PAULIAN, Louis. *Paris qui mendie. Les vrais et les faux pauvres, mal et remède*. Paris: Paul Ollendorff éditeur, 1893; BRUANT, Aristide. *Dans la rue. Chansons et monologues*. Paris: Auteur-éditeur, s/d.; CLEBERT, Jean-Paul. *Paris Insolite*. Paris: Denoël, 1952; LHOTTE, Céline. *Ici Porte d'Orléans*. Romainville: Spes-Paris, 1955.

⁴ Mesmo que de forma parcial: pela referência aos autores, aos títulos do texto, aos dados de edição (fundamentalmente o local e a data da publicação).

nesta apresentação é convidar o leitor para essa reflexão coletiva, reflexão que se apresenta limitada entre os autores porque os textos são relativamente produzidos de *per si*, enfatizarei, para tanto, as periodicidades referentes a momentos de edição e às problemáticas sugeridas, lembrando que nem sempre coincidem com o da escrita da interpretação e da coleta das informações.

Para não me alongar por demais nos objetivos demonstrativos desta apresentação, ou seja, na construção da problemática sociológica de que se ocupam os autores que integram o dossiê, num primeiro item, limitar-me-ei a considerar o registro da produção bibliográfica que nos ofereceu Marie-Ghislaine Stoffels. Esta socióloga, se não a primeira a investir sistematicamente em pesquisa sobre a presença de *mendigos* nas cidades brasileiras, no caso a de São Paulo, foi pelo menos uma das precursoras a alcançar a publicação do texto da sua tese de doutorado. Por essa ressalva, quero também realçar a produção de um conjunto de monografias que foram elaboradas segundo o gênero trabalho de conclusão de curso, especialmente vinculadas aos cursos de graduação em serviço social e ciências jurídicas (posto que a mendicância fora considerada ato ilegal), bem como outras dissertações que foram produzidas no bojo da formação do quadro institucional da pós-graduação no Brasil, tal como é ainda o caso da M-G Stoffels.

Além disso, destaca-se a produção literária, cujos exemplos imediatamente lembrados apontam para as contribuições de Joracy Camargo e João do Rio. O primeiro, autor da peça *Deus lhe Pague*, de 1933,⁵ que circulou como mensagem teatral em grandes salas das cidades brasileiras e também no exterior, mas também em companhias de circo que percorriam o litoral e o sertão do Brasil nas décadas de 1950-60.⁶ O segundo, autor sob pseudônimo, viveu entre 1881 e 1921 e se dedicou a um registro particular do cotidiano da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Sem mutilar sua obra, destaco alguns capítulos do livro de crônicas *A alma encantadora das ruas*, cuja primeira edição data de 1908. Ao reivindicar o valor do olhar do *flâneur*, ele próprio toma como referência, segundo o contexto a que se pauta por ocasião da formulação das crônicas, o comportamento atribuído ao *vagabundo*. Por esse olhar de cronista, registrava a presença de diversos tipos sociais que faziam da rua um lugar de atividades produtivas, de sociabilidade e de instalação, mas principalmente de exercício de funções, pelas atribuídas desqualificações, no limite do privado e do

⁵ O texto por mim consultado foi publicado pela Livraria Editora Zélio Valverde, Rio de Janeiro, 1947.

⁶ Joracy Camargo viveu entre 1898 e 1973, no Rio de Janeiro, formou-se em direito e contabilidade, mas se notabilizou como dramaturgo referenciado a cenas populares. No texto analisado, o principal personagem está colocado na pele de um mendigo.

público, do trabalho e da mendicância: *Os trabalhadores de estiva (1908-1995, 3ª tiragem: 107-111)*; *As mulheres mendigas (1908-1995, 3ª tiragem: 125-130)*; *Os que começam....(referência à socialização de crianças na mendicância) (João do Rio, 1908-1995, 3ª tiragem: 131)*.

MENDIGOS, VAGABUNDOS E VADIOS:

REFLEXÕES BIBLIOGRÁFICAS EM TORNO DO CAMPO TEMÁTICO

Retomando a contribuição de M-G Stoffels, analiso, considerando o país e o ano da edição, os textos por ela consultados para formulação da tese de doutorado, defendida na USP e publicada pela Editora Paz e Terra, em 1977. Da análise desses dados, considerando os significados passíveis de serem apreendidos pelos títulos, posso destacar o investimento realizado no sentido literário, jurídico, filantrópico, histórico e, no contexto em que ela redige o texto, incipientemente sociológico. Conclui-se da leitura do livro que a problemática da mendicância suscitou, no decorrer de diversos séculos, investimento ampliado, tal como registram as referências bibliográficas.

O fenômeno, inicialmente caracterizado pela *vadiagem*, *vagabundagem* e *mendicância*, já suscitava as possibilidades de trabalho comparativo, dado o reconhecimento da recorrência em várias cidades ao final do século XIX. Ressalto, por exemplo, o texto de BERRY, G. e BERRY, J. *Le vagabondage et la mendicité en Russie, en Allemagne, en Hollande, en Belgique, dans les Etats Scandinaves et dans le canton de Berne*. Paris, Figuière, 1913 (citado por Stoffels, 1977).⁷

Nas referências bibliográficas o texto mais antigo data 1727, publicado na Itália. Na década seguinte, a autora faz referência a 4 livros, com publicação na França(2); Holanda (1); Bélgica (1). Entre 1830 e 1839 aparece apenas uma publicação na Bélgica. Na segunda metade do século XIX ela registra a consulta a mais 6 textos, publicados na Inglaterra (2) e na França (4). Na primeira metade do século XX a pesquisa por ela levada a efeito é mais profícua, registrando publicações na França (22), nos Estados Unidos (5), na Inglaterra (2), na Bélgica (2), no Brasil

⁷ Por contribuição de Claudia Magni Turra, acrescento: BRIATTE, M. *Offrande à l' Humanité ou traité sur les causes de la misère en général et de la mendicité en particulier et sur les moyens de tarir la première et de détruire la seconde* (Ouvrage imprimé au profit des pauvres). Amsterdam, Changuyon, 1780; AWDLEY, J. *Fraternity of Vagabondes*. E. Viles and F. J. Furnivall, London, Trübner, 1869; BERRY, G. *Les petits martyrs, mendiants et prostituées*, 1892; BLOCH, C. *L'Assistance et l'Etat en France à la veille de la Révolution: 1764-1790*. Paris, Picard, 1908; BOOTH, W. *The Vagrant and the Unemployed*. London, 1909; BURANA, C. (org.) *Vagantenlieder. Aus der lateinischen Dichtung des 12. und 13. Jahrhunderts*. Iena, Diederichs, Das Alte Reich, 1927; ANDERSON, N. "Vagrancy". In: *Encyclopaedia of the social Sciences*. 1935, vol. 15; *Men of the Move*. Chicago, The University of the Chicago Press, 1940; *The Hobo. The Sociology of the Homeless Man*. Chicago, The University of the Chicago Press, 1965.

(2), na Alemanha (1). Na última metade deste século, mas levando em conta o limite da consulta, 1979, as referências valorizadas pela autora assim se distribuem: França (7), Estados Unidos (5); Chile (4), Portugal (1), Bélgica (1); Brasil (4), Argentina (1) e Peru (1) (Cf. Referências bibliográficas *in* Stoffels, 1977:XXX)

Levando em conta os dados bibliográficos, deduz-se, pelo menos quanto à produção de reflexões sociológicas sobre o tema entre estudiosos no Brasil e demais países da América Latina (especialmente reflexões dos teóricos afiliados à CEPAL, situada no Chile), a afiliação da autora à elaboração de análises sociológicas e econômicas sobre as seguintes problemáticas: dependência e produção da marginalidade social, produção estrutural do desemprego, reflexões em grande parte pautadas nas leituras de diversos volumes de *O Capital* de Karl Marx, sem dúvida um dos primeiros autores a pensar a constituição de mendigos como expressão do rebotalho da classe trabalhadora. Aquelas problemáticas demarcam então a construção de um campo de diálogo e de referências teóricas para pensar a *mendicância* e a *vagabundagem*.

Anteriormente a esse contexto, o reconhecimento da existência de segmentos de população qualificados como *vagabundos* e *mendigos* se pautava basicamente em julgamentos de diferenciações segundo princípios morais. Reconhecendo a longevidade dessa forma de apropriação da rua, isto é, dos recursos materiais ou relacionais que aí circulam, diversos autores valorizam a correlação entre a presença de *mendigos* e o processo de constituição da ideologia da caridade (católica), em especial da construção do universo da filantropia e seus equivalentes quadros institucionais. Outros, fundamentados em explicações individualistas, consagram os textos ao estudo da caracterização psicológica do desvio, operando com elaboração de excepcionais tipos sociais. Em praticamente todos os textos há a associação entre produção de diagnósticos e medidas de tratamento, que variam da assistência e da reclusão à imposição do vínculo de trabalho e formas de correção ou disciplinamento. Para dar corpo a essa ideologia intervencionista, quase todos os autores aceitam a qualificação polarizada entre *verdadeiros* e *falsos mendigos* ou *vagabundos*, contrapondo-se principalmente à reprodução dessa última posição.

A considerar a análise desses dados bibliográficos, os autores do início do século XX elaboram interpretações sobre a presença de *mendigos* nos séculos XVII, XVIII e XIX, ou, em certos casos, por contextos históricos mais bem delimitados, como período que antecede ou correspondente

à Revolução Francesa (1789), ao Antigo Regime, aos reinados de Luis XV a Luis XVIII.⁸

A CONSTRUÇÃO DO CAMPO TEMÁTICO NO BRASIL:
FORMAS DE APROPRIAÇÃO DA RUA PELOS POBRES

Considerando as questões que aparecem como preocupação de pesquisa e fundamentando-me ainda em campo de referência bibliográfica mútua entre autores, doravante analiso a produção constituinte do campo de reflexão vinculado à categoria social *mendigo* e, posteriormente, à *população de rua*.

A publicação mais sistemática de textos começa a aparecer a partir de 1975, acompanhando, como foi destacada, a diversidade de temas de pesquisa formulados em cursos de pós-graduação; mas também correspondendo a propostas de instituições cujos porta-vozes ativeram-se principalmente à questão social *menor de rua*. Em face desse próprio investimento, que também o foi por requalificação social daqueles indivíduos empurrados para a marginalidade ou tomados como estranhos no ninho, os *menores de rua* passaram a ser designados *meninos e meninas de rua* e, um pouco depois, *crianças e jovens em situação de rua*.

No mesmo contexto começam a ser editados depoimentos de pessoas que experimentaram a situação de precariedade e a experiência de vida na rua. E manteve-se o interesse de historiadores no registro analítico de papéis e funções exercidas nas fronteiras entre público e privado, nas atividades remunerativas que dependem da exposição do prestador de serviço nas ruas. Há ainda investimentos intelectuais para entender a dinâmica institucional dos serviços de acolhimento dos chamados *mendigos* e as experiências dos que vasculham sacos de lixo na via pública ou que trabalham nos chamados *lixões*.⁹

⁸ Exemplificando, destacamos as contribuições de GEREMEK, Bronislaw: - *Truands et Misérables dans l'Europe modern (1350-1600)*. (Paris): Gallimard/Julliard, 1980; - *La potence ou la pitié. L'Europe et les pauvres du Moyen-Age à nos jours*, Paris: Gallimard, 1987 (1978); - *Les marginaux parisiens aux XIV^e et XV^e siècle*, Paris: Champs-Flammarion, 1991 (1976). E ainda de MOLLAT, M. *Les pauvres au Moyen-Age*, Paris, Hachette 1978 e FARGE, Arlette: - *Vivre dans la rue à Paris au XVIII^e siècle*. Paris: Gallimard / Julliard, 1979; - "L'espace parisien au XVIII^e siècle d'après les ordonnances de police" IN: *Ethnologie Française*. Paris: 1982; CASTEL, Robert. "Les marginaux dans l'histoire" IN: PAUGAM, S. (org.), *L'exclusion. L'état des savoirs*. Paris: La Découverte, 1996; GUESCLIN, André, *Gens pauvres, pauvres gens, dans la France du 19^e siècle*, 1998, Aubier, Collec. Historique; FAURE, Alain. "Classe Malpropre, Classe Dangereuse? Quelques remarques à propos des chiffonniers parisiens au XIX^e siècle et de leurs cités". IN: ZYLBERMAN, Patrick. *L'haleine des faubourgs: ville, habitat et santé au XIX^e siècle. Recherches*. Paris: Fontenay-sous-Bois, 1978. p.79-102; MERCIER, Louis Sebastien. *Le tableau de Paris (1788)*. Paris: Ed. de la Découverte, 1985. p.41-165.

⁹ Para efeitos desse levantamento analítico, incorporarei apenas textos publicados (acadêmicos, depoimentos pessoais e relatórios institucionais), bem como as dissertações e teses.

STOFELLS, Marie-Ghislaine. Os mendigos na cidade de São Paulo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FERREIRA, Rosa Maria Fischer – Meninos da rua. Valores e expectativas de menores marginalizados em São Paulo. São Paulo, Comissão de Justiça e Paz e CEDEC – Centro de Estudos de Cultura Contemporânea, IBREX. 1979.

VOGEL, Arno & Outros. Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. Rio de Janeiro: FINEP/Ibam, 1981.

CASTELVECCHI, G. (org.). Somos um povo que quer viver. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.

ARRUDA, Rinaldo Sérgio Vieira. Pequenos bandidos. São Paulo: Global Editora, 1983.

NEVES, Delma Pessanha – Mendigo: o trabalhador que não deu certo. Revista Ciência Hoje. Rio de Janeiro, SBPC, 1983. (Vol. 3: 15-27).

REIS, Cléa Maria Regis dos. Os frequentadores do Centro de Triagem João XXIII: identidade de trabalhador em conflito, dissertação de mestrado apresentada ao Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro, maio de 1985.

VIOLANTE, Maria Lucia. O dilema do decente malandro. Cortez ed., SP: 1985

COSTA, Idalina Farias. De lixo também se vive. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/ Editora Massangana, 1986.

MOTA, Maria Elisabete Lima. Ave vagueira. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.

DI FLORA, Marilene Cabello. Mendigos: por que surgem, por onde circulam, como são tratados? Petrópolis: Vozes, 1987.

MOTA, Maria Elisabete Lima. Declaro que estou em tormento. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.

BOREL, Gilberto e Silva, Maria Lúcia do Eirado. Garotos de rua à mercê da sorte. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1987.

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Quem acolhe o menor a mim acolhe, Texto Base da Campanha da Fraternidade – 1987 Brasília – DF, 1987

FREIRE da SILVA, José Roberval. A Igreja dos excluídos: vida e morte do povo que mora na rua. São Paulo: FTD, 1988.

PIRES, Maria Luiza Lins e Silva – Mendicância, uma estratégia de sobrevivência. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Sociologia (PIMES) da Universidade Federal de Pernambuco, 1988.

CARVALHO, Maria Avelina de. Tô vivo – histórias dos meninos de rua. Cegraf – UFG – Goiânia. 1989.

SILVA, Ilda Lopes Rodrigues da. "Ao encontro do menino de rua". In.: PUC – Ciência, revista de divulgação da PUC-RIO, no 5, 1990.

MUÑOZ, Jorge Vicente. Porque a vida... Viver é um compromisso. Cadernos de Educação Popular, no 19. Petrópolis: Vozes, 1991.

SANTOS, João Bosco Feitosa dos (coord.) & outros. As condições de trabalho e as repercussões na vida e na saúde dos catadores de lixo do Aterro Sanitário do Jangurussu. Fortaleza: Sistema Nacional de Emprego do Ceará, 1991

LEITE, Lúcia Costa. Os meninos de rua na Escola Tia Ciata. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

A partir do início da década de 1990, a categorização social pelo termo *mendigo* vai desaparecendo da literatura construída por objetivos políticos, isto é, aquela elaborada para fins de denúncia das condições miseráveis ou inumanas.¹⁰ Ela também desaparece da literatura sociológica, até porque também foi, em grande parte, produzida pelo mesmo engajamento, tendo muitas vezes por objetivo a construção da consciência pública, a saber: elaborada visando à compreensão do que se apresentava como grandes formas de injustiça e desigualdades socioeconômicas. Em correspondência, os autores passaram a acentuar o peso dos fatores sociais e econômicos, em detrimento dos fatores individuais, pelos quais geralmente reportagens jornalísticas e diversos ensaios se pautavam até então. De qualquer forma, mesmo para os olhares mais inocentes, a expansão da presença de pobres vivendo e trabalhando na rua já não podia ser entendida tão somente por fatores individuais ou pessoais.

Dada a forma contundente da exposição dos pobres pela apropriação de espaços públicos, mesmo no plano do senso comum algumas distinções passaram a ser elaboradas. Categorizações requalificantes são construídas e amplamente incorporadas, como é o caso dos termos *população adulta em situação de rua* e *crianças e jovens em situação de rua*. Portanto, diferenciando-se pelo ciclo de vida os que dessa forma ocupavam a rua. A distinção, todavia, estimulava a desvinculação de relações entre adultos e crianças e jovens, desconsiderando as maneiras como essas condições de vida eram, e são, em grande parte, elaboradas e praticadas. Os pesquisadores, em correspondência aos apelos de movimentos institucionais orientados para o encontro dos que na rua são considerados descartáveis e/ou extermináveis, investiram na reprodução fotográfica ou etnográfica de formas de organização social dessa existência, a eles restituindo assim a humanidade negada. Exemplificando esse novo estilo e intenção da produção intelectual, destaco:

¹⁰ No sentido do padrão mínimo que, situacional e culturalmente, se aceita para a condição de vida dos homens.

NEVES, Delma Pessanha – “A trajetória da população de rua e suas estratégias de sobrevivência”, I Seminário sobre Homens de Rua, Secretaria Municipal do Bem-Estar Social, Prefeitura do Município de São Paulo, 3 a 5 de junho de 1992.

SIMÕES JR. José Geraldo. Moradores de rua. São Paulo: Polis, 1992.

GUARESCHI, Pedrinho A. et ali. Os aprendizes da sobrevivência. Univ. Fed. de Pernambuco. 1992.

BROIDE, Jorge. A rua enquanto instituição das populações marginalizadas: uma abordagem psicanalítica através de grupo operativo. Dissertação de Mestrado apresentada à Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1993.

BANDEIRA DE ATAÍDE, Yara Dulce – Decifra-me ou devoro-te. História oral de vida dos meninos de rua de Salvador, São Paulo, Edições L, 1993.

DIMENSTEIN, Gilberto. A guerra dos meninos – assassinatos de menores no Brasil. Ed. Brasiliense, SP. 1993.

LUSK, Mark e MASON, Derek T. “Meninos e meninas ‘de rua’ no Rio de Janeiro: Um estudo sobre sua tipologia”. In. Rizzini, Irene (organizadora) A Criança no Brasil Hoje: Desafios para o terceiro milênio. Rio de Janeiro: Editora Universitária Santa Úrsula, 1993.

MARTINS, Ana Lucia Lucas - Livres acampamentos da miséria, Rio de Janeiro, Obra Aberta, 1993.

ROSEMBERG, Fúlvia - “O discurso sobre criança de rua na década de 80”, 71-81. In.: Caderno de Pesquisa, São Paulo: no 87, novembro, 1993

ALVES, Maria Magdalena. Viagem ao mundo dos homens de rua. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1994

MAGNI, Cláudia Turra. Nomadismo urbano: uma etnografia sobre os moradores de rua em Porto Alegre. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994

MUÑOZ, Jorge Vicente. Textos em debate: sobre a população de rua e alguns de seus valores. Rio de Janeiro: Nova – Pesquisa e Assessoria em Educação, 1994

OAF – Organização do Auxílio Fraternal. Anotações sobre o Encontro: Missão do povo da rua no contexto atual. Belo Horizonte, 21 a 23 de abril de 1994.

BRUM, Rosemary Fritsch; CENTURIÃO, Luiz. De criança a menor abandonado: a construção de uma categoria excluída – Cadernos de Antropologia 12. UFRGS, Porto Alegre. Vol. 12. 1994.

NEVES, Delma Pessanha, Comentários dos assessores sobre o perfil da população de rua. ROSA, Cleisa M.M. – População de rua. Brasil e Canadá. São Paulo, HUCITEC, 1995:61-70

NEVES, Delma Pessanha. "A miséria em espetáculo". Serviço Social e Sociedade No 47 Ano XVI, abril de 1995:79-88.

ROSA, Cleisa Moreno Maffei (org.). População de rua: Brasil e Canadá. São Paulo: Hucitec, 1995.

Acompanhando investimentos iniciados na Prefeitura da Cidade de São Paulo, outros desses órgãos públicos patrocinaram levantamentos para dimensionar a magnitude do que era considerado uma exceção. As perguntas gerais que orientavam esses levantamentos eram: – quem são? de onde vêm? por que se encontram na rua? que fazem etc.? Se esses levantamentos se impuseram como forma eficaz de criação de condições para uma desejada intervenção, eles também quantificaram uma série de preconceitos, por realçarem alguns atributos caricaturados e considerados por atributos de outros grupos de trabalhadores: o fato de a maioria ser do sexo masculino e hipoteticamente se encontrar em idade produtiva. Essas características já eram acentuadas pelas designações de *vagabundos*, *mendigos profissionais*, *gatunos*. Quando associadas ao conjunto de questões formuladas para os *moradores de rua*, jamais deixavam de incitar a moralizante pergunta sobre o consumo de bebidas alcoólicas e outras drogas ilícitas. Ao fim, reafirmavam a recorrente articulação do segmento em pauta ao uso abusivo especialmente de bebidas alcoólicas. Em reação a esses riscos morais e metodológicos, pesquisadores mais recentemente têm-se preocupado em associar questões mais próximas à constituição e contribuição dos próprios pesquisados.

SÃO PAULO. Prefeitura de São Paulo. Secretaria Municipal do Bem-Estar Social Dossiê sobre a população moradora de rua na cidade de São Paulo. São Paulo: abril, 1990.

_____. Estudo sobre a população sem residência fixa que recorre ao Plantão de atendimento. São Paulo: outubro, 1991.

_____. Trabalho junto à população moradora de rua – morar na rua: uma manifestação da questão social. Secretaria Municipal do Bem-Estar Social, out, 1992.

VIEIRA, Maria Antonieta da Costa, Bezerra, Eneida Maria Ramos & Rosa, Cleisa Moreno Maffei. População de rua: quem é, como vive e como é vista. São Paulo: Hucitec, 1992.

FUNDAÇÃO LEAO XIII. Perfil da população da cidade do Rio de Janeiro. Governo do Estado. Coordenadoria Estadual de Desenvolvimento Social. Fundação Leão XIII. MIM. 1995.

CARNEIRO JR., Nivaldo & outros. População de rua: necessidade de saúde e organização de serviços. Relatório final de pesquisa apresentado à Coordenação Nacional da Rede de Investigação em Sistemas e Serviços de Saúde no Cone Sul, Centro de Saúde-Escola da Barra Funda, São Paulo, 1996.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Crianças e adolescentes em situação de rua e suas circunstâncias de vida. Secretaria de Estado do Planejamento: Projeto Piá 2000, 1996.

RODRIGUES, José Augusto & SILVA FILHO, Dario de Souza. Perfis e mapeamento de populações de rua do Rio de Janeiro: padrões de sociabilidade e funções sócio-espaciais de usos da rua. Relatório Final. Departamento de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Faperj/UERJ, 1999.

PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. Mapa da inclusão e exclusão social de Porto Alegre. Porto Alegre: Gabinete do Prefeito. Secretaria do Planejamento Municipal, 2004 (a).

_____. Prefeitura Municipal. A realidade das crianças e adolescentes em situação de risco social na Grande Porto Alegre: Perfis e índices de vulnerabilidade. Porto Alegre: Fundação de Assistência Social e Cidadania. Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, 2004 (b).

LABORS. Perfis e mundo das crianças e adolescentes em situação de rua na Grande Porto Alegre. Relatório de pesquisa. POA, UFRGS/LABORS, 2004.

SÃO PAULO. Prefeitura Municipal. Censo e contagem de crianças e adolescentes na cidade de São Paulo. São Paulo. Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social – SMADS. Relatório final. 2007.

Na proporção em que os *coletores de materiais recicláveis e moradores de rua* vêm avançando em formas de organização política, muitos levantamentos e literatura pautada em construção de pontos de vista desses próprios agentes e em específicas reivindicações vêm sendo publicados e divulgados. Um campo editorial próprio vem sendo reproduzido por jornais ou panfletos e mais recentemente por *sites*.

FÓRUM DA POPULAÇÃO DE RUA. Belo Horizonte. A População de rua – Seminário sobre Políticas Públicas. Belo Horizonte: Fórum da População de Rua, 1998.

FÓRUM DE ESTUDOS SOBRE POPULAÇÃO DE RUA . Textos em Debate 3. Fórum de Estudos sobre População de Rua – avanços e desafios. Rio de Janeiro: Nova

— Pesquisa e Assessoria em Educação/Fórum de Estudos sobre População de Rua, 1998

BRASÍLIA. Carta de Brasília. 1o Congresso Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis, 2001.

CAXIAS DO SUL. Carta de Caxias do Sul. I Congresso Latino-Americano de Catadores, 2003.

FÓRUM DAS ORGANIZAÇÕES QUE TRABALHAM COM POPULAÇÃO DE RUA. Documentos do Dia de Luta do Povo da Rua. Dia 26 de maio de 2004.

BELO HORIZONTE. PASTORAL DE RUA DA ARQUIDIOCESE DE BELO HORIZONTE. Da reciclagem eu faço a vida, da vida eu faço a reciclagem. Diagnóstico Participativo Urbano (DPU). Viaduto João Pinheiro. Belo Horizonte: 2003.

SALVADOR. Carta dos Catadores e Catadoras do estado da Bahia, 2004.

PREFEITURA DO RIO. População de rua. Memórias da assistência social. Cadernos de Assistência Social. PREFEITURA DO RIO. Vol. 6. 2005.

Não obstante, foram os textos fundamentados em perspectivas qualitativas de construção de dados ou de análises etnográficas que se afirmaram, atendendo a curiosidades múltiplas da academia, mas também de curiosos consumidores. Tornou-se comum que, nesse processo de consagração da etnografia, graduandos e mestrandos se dediquem à pesquisa com *população de rua e coletores de lixo, crianças e jovens em situação de rua*, produção que, em sintonia, encontra relativo apoio editorial.

MILITO, Claudia e SILVA, Helio R.S. – Vozes do meio-fio. Etnografia sobre a singularidade dos diálogos que envolvem meninos e adolescentes ou tomam a adolescência e a infância por tema e objeto nas ruas da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1995.

SARTI, Cinthia – A continuidade entre casa e rua no mundo da criança pobre. Trabalho apresentado no XIX Encontro Anual da ANPOCS, G.T. Família e Sociedade, Caxambu (MG) – 17 a 21 de outubro, 1995.

BROGNOLI, Felipe Faria. Trecheiros e pardais: estudo etnográfico de nômades urbanos. Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996

OLIVEIRA, Maria de Fátima Silva & Pimenta, Marilda & Souza, Mirtes Martins & Almeida, Regina Maria – Trabalho e população de rua – Monografia apresentada à disciplina de Psico-Sociologia das Organizações, Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1996.

RANGEL, Rosângela Faria. *Vidas à deriva: População de rua no Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação da Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996

FAUSTO, A.; CERVINI, R. *O trabalho e a rua: crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80*. São Paulo: Cortez, 1996.

LUNARDI, Maria. *São Martinho: onde estão seus meninos?* Dissertação de mestrado apresentada à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ, dezembro de 1996.

MUÑOZ, Jorge Vicente. *População adulta de rua: uma proposta de metodologia socioeducativa*. Rio de Janeiro: Nova – Pesquisa e Assessoria em Educação, 1997.

OLIVEIRA, Jairo da Luz. *A vida cotidiana do idoso morador de rua: as estratégias de sobrevivência da infância à velhice – um círculo de pobreza a ser rompido*. Dissertação de Mestrado em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001

ROMANO, Patrícia. *Moradores de rua – Uma trajetória de lutas, desafios, e ruptura de seus vínculos sociais com o mundo do trabalho e o da esfera familiar*. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Serviço Social, UniFMU, São Paulo, 2001.

COSTA, Júlio Caetano. *Cinema e morador de rua: buscando estratégias de resistência*. POA, Programa de Pós Graduação em Psicologia Social e Institucional, 2006.

GREGORI, Maria Filomena. *Viração: Experiências de meninos nas ruas*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

GREGORI, Maria F. e SILVA, Cátia S. *Meninos de rua e instituições. Tramas, disputas e desmanche*. SP, Contexto, 2000.

TAVEIRA, José Carlos & Almeida, Regina Stela Andreolli. *O morador de rua de Campo Grande: condições de vida*. Campo Grande: UCDB, 2002.

COIMBRA, C. M. B.; AYRES, L. S. M. E NASCIMENTO, M. L. *As múltiplas cenas das práticas dos piveles*. Intertexto. 2002: 233-255.

BARBOSA, Jorge Cordeiro & Paulino, Simone. *Identidade perdida – memórias de um morador de rua*. São Paulo: Legnar Informática & Editora, 2003

BORIN, Marisa do Espírito Santo. *Desigualdades e rupturas sociais na metrópole: moradores de rua em São Paulo*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.

COSTA, Daniel De Lucca Reis. Reflexos e contra-reflexos da Cidade: por uma interpretação política do povo da rua. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 2003.

RIZZINI, Irene. Vida nas ruas. Crianças e adolescentes nas ruas: trajetórias inevitáveis-PUC. 2003.

ASCOLI, Cláudio Otero. Meninos de rua. Uma trajetória muito além das delegacias de proteção à criança e ao adolescente. 2005. 53 f. Monografia. (Aperfeiçoamento/Especialização em Políticas Públicas Justiça Criminal e Segurança) – Universidade Federal Fluminense.

KASPER, Christian Pierre. Habitar a rua. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social na UNICAMP. Campinas, UNICAMP, 2006.

LEAL, Eduardo Martinelli. O outro nome da pobreza: a "situação de rua". Antropologia e direitos humanos 5. ABA. 2008: 65-113.

Alguns pesquisadores, tendo acumulado maior oportunidade de reflexão, tanto por se vincularem a projetos de pesquisa coletivos e mais sistemáticos, como também por estímulos recebidos para ampliarem a reflexão e torná-la mais pública, têm investido na complexidade dos fatores em jogo. Entre os temas que assim foram-se agregando, destacam-se as reflexões em torno do quadro institucional da filantropia que, nesse mesmo contexto, encontrou grande expansão.¹¹ Da mesma forma, deslocando-se da restrita referência aos estilos de vida na rua, por levarem em conta a avalanche do fluxo do desemprego e da precariedade de condições de vida de diversos segmentos de trabalhadores, os pesquisadores foram diferenciando as unidades de análise. Preocuparam-se com o estudo de processos de reestruturação produtiva e do caráter estrutural do desemprego, das inerentes formas de ruptura com direitos sociais antes assegurados mediante o vínculo de trabalho. Entre as referências conceituais que adotaram, destacam-se as noções de exclusão e desfiliação sociais, de ampla aceitação a partir de tradução de autores especialmente franceses.¹² Quanto aos autores brasileiros, exemplifico:

BURSZTYN, Marcel & Araújo, Carlos Henrique. Da utopia à exclusão: vivendo nas ruas em Brasília. Rio de Janeiro: Garamond, 1997.

¹¹ NEVES, Delma Pessanha – Matricentralidade, indigência e enraizamento familiar. Cadernos CERU. Série 2, nº 13, 2002: 211-230; Apresentação. A gestão da precária inserção geracional. Cadernos ICHF, nº 78, Niterói, ICHF/UFF, 2002; Pobreza e humanismo salvador: mediações subjacentes. Dados – Revista de Ciências Sociais. Dados. Vol. 50/1, 2007: 117-157.

¹² CASTEL, Robert. *Les métamorphoses de la question sociale*. Une chronique du salariat, Paris: Fayard, 1995; "A dinâmica dos processos de marginalização: da vulnerabilidade à "desfiliação". Cadernos CRH, Salvador, n. 26/27, p.19-40, jan./dez. 1997; PAUGAM, Serge. Ed., *Exclusion. L'état des savoirs*, Paris: La Découverte, 1996; *La disqualification sociale*. Essai sur la nouvelle pauvreté (3^{ème} éd), Paris: PUF, 1994 (1991); *Exclusion*. L'état des savoirs, Paris: La Découverte, 1996.

TELLES, Vera da Silva. "A pobreza como condição de vida". São Paulo em perspectiva, 1990. (Série 4, (2): 37-45.

OLIVEIRA, Cristiano. "Os excluídos 'existem'? Notas sobre a elaboração de um novo conceito. In.: Revista Brasileira de Ciências Sociais, no 33, ano 12, fevereiro de 1997.

ESCOREL, Sarah. Vidas ao Léu – Trajetórias de exclusão social. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

BURSZTYN, Marcel. (org.) No meio da rua: Nômades excluídos e viradores. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

Como enfatizei, a circulação de quadros conceituais e experiências de pesquisa, mas também do enfrentamento do problema social *população de rua*, suscitou um debate coletivo, cada vez mais ampliado sob a forma de seminários e congressos nacionais e internacionais. Muitos dos pesquisadores brasileiros foram sendo convidados a publicar fora do Brasil,¹³ e o percurso inverso ocorreu para os estrangeiros, neste caso também pela publicação de livros.¹⁴ Em correspondência, o fenômeno sociológico e político que, no Brasil, passou a ser reconhecido como *população em situação de rua*, vem sendo, muitas vezes, refletido diante desse encontro e reciprocidade de múltiplas interferências de campos acadêmicos e políticos externos.

O entendimento da especificidade da situação social brasileira tem colaborado para relativizar certas demarcações que politicamente foram construídas, como, por exemplo, pessoas que se encontravam na rua por ciclo de vida. Conforme ressalta Gaboriau no artigo aqui publicado, nos países por ele considerados é politicamente inadmissível a presença de *crianças na rua*.

Considerando as redes de relações sociais pelas quais esses segmentos populacionais se integram, e as múltiplas alternativas de que fazem uso – o trabalho, destacadamente a coleta de materiais recicláveis, a mendicância, o assalto ou roubo, elas puderam ser vistas, não pela polaridade de fronteiras morais que não se cruzam, mas pelo caráter complementar. Em vários casos, a complementaridade corresponde aos diversos ciclos de vida que abarcam um grupo doméstico; ou às formas de afiliação e reciprocidade que, nessa situação, são construídas para agregar pequenos e voláteis grupos.

¹³ Ver, por exemplo, o número temático da Revista Espace et Société, Habiter sans logis. Paris, Ed. Eres. 2004.

¹⁴ Por exemplo: SNOW, David A. & ANDERSON, Leon. Desafortunados – um estudo sobre o povo da rua. Petrópolis: Editora Vozes, 1998 (tradução de livro referente a experiências de *homeless* nos Estados Unidos).

FERREIRA DOS SANTOS, Tereza Luiza. Coletores de lixo – A ambiguidade do trabalho na rua. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1996.

ESCURRA, Maria Fernanda. Sobrevivendo do lixo: população excedente, trabalho e pobreza. Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado da Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.

JARDIM, Marta Denise da Rosa – Negociando fronteiras entre o trabalho, a mendicância e o crime: uma etnografia sobre família e trabalho na grande Porto Alegre. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mimeo., 1998.

DOZZI, Carla Carusi. Cooperativas de catadores de papel – uma alternativa para moradores de rua. Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1999.

SOUZA, Maria Raquel Pereira Borges de. Trabalho e ocupação de meninos e meninas nas ruas do Rio de Janeiro. O Social em Questão. Vol. 3, no 3. Trabalho precoce e educação profissional. Rio de Janeiro: PUC, Depart. Serviço Social. 1999.

COUTO, Ana Magna Silva. Trabalho, cotidiano e sobrevivência – catadores de papel e seus modos de vida na cidade – Uberlândia – 1970-1999. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000

FREITAS, Sílvia Antunes. Famílias catadoras de papel – uma trajetória entre luzes e sombras – favela Parolim – Curitiba – Paraná. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Estudos Pós Graduated em Serviço Social da PUC-SP. São Paulo: 2001.

NASSER, Ana Cristina Arantes. Sair para o mundo – Trabalho, família e lazer: relação e representação na vida dos excluídos. São Paulo: Fapesp/Editora Hucitec, 2001.

JUNCÁ, Denise Chrysóstomo de Moura. Mais que sobras e sobranças: vida e trabalho no lixo. Tese de Doutorado apresentada à Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca/Fiocruz. Rio de Janeiro, 2001.

OLIVEIRA, Maria Vany. Entre ruas, lembranças e palavras: a trajetória dos catadores de papel em Belo Horizonte. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais apresentada à Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001

YAMAMORA, Carla Yoshiko, Boulhosa, Ligia Maria, Martins, Maria Célia & Carvalho, Maria de Fátima Rocha. Cooperativa de Catadores Autônomos de Papel, Papelão, Aparas e Materiais Reaproveitáveis (Coopamare), uma análise da

viabilidade de proposta da Economia Solidária. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002.

MAGERA, Márcio. Os empresários do lixo. Um paradoxo da modernidade. Campinas, Editora Átomo, 2003.

DOMINGUES JR., Paulo Lourenço. Cooperativa e construção da cidadania da população de rua. São Paulo: Edições Loyola/Editora Universitária Leopoldina, 2003.

DOZZI, Carla Carusi. Paradoxos e ambigüidades de uma Cooperativa Popular de Produção: um estudo psicossocial. Dissertação de Mestrado apresentado ao Departamento de Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.

HAYASHIDA, Érika Haruno. Economia Solidária, como alternativa à situação de rua. Relatório Final de Iniciação Científica apresentado à Faculdade de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.

NICOLAU, Sheila Maris. Trabalho e processos de exclusão/inclusão social: um estudo com assistidos-trabalhadores de um Centro de Triagem de Materiais Recicláveis implantado por uma instituição assistencial na cidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social apresentada ao Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2003.

LAVARELLO, Fernanda Bastos & Lomar, Teresa Paletta. O sentido de morar em hotéis e em moradias definitivas para ex-ocupantes de baixos de pontes e viadutos de São Paulo – uma análise psicossocial do Plano de Reabilitação Urbanística e de Atenção aos moradores dos vãos existentes nos baixos de pontes e viadutos do município de São Paulo. Relatório Final de Iniciação Científica apresentado à Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.

TIRIBA, Lia. O trabalho no olho da rua: fronteiras da economia popular e da economia informal. Proposta. Fase. Vol. 97. 2003: 38-50.

BARROS, Joana da Silva. Moradores de rua – Pobreza e trabalho: interrogações sobre a exceção e a experiência política brasileira. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade São Paulo, 2004

GOMES, José Agnaldo. Itinerários de sentidos na marcha para uma comuna da terra: pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo em busca de sua participação social. Dissertação de Mestrado apresentada à Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

FREITAS, Maria Vany de Oliveira. Entre ruas, lembranças e palavras: a trajetória dos catadores de papel em Belo Horizonte. PUC, MINAS. 2005.

ADAMETES, Cláudia Megale. Catadores(as) de lixo em trajetória: busca do lugar social. 2006. Tese (Doutorado em Pós Graduação Em Sociologia Rural e Urbana) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

SANTOS, Tereza Luiza ferreira dos. Coletores de lixo: a ambigüidade do trabalho na rua. FUNDACENTRO/ Ministério do Trabalho e Emprego. 2008.

Diversos serviços foram-se especializando no atendimento à *população em situação de rua*; e mesmo certas funções foram se construindo em busca de profissionalização, em nome do reconhecimento da necessidade social de especialização. A essa divisão de trabalho intelectual correspondeu certa especialização temática, como, por exemplo, os estudos sobre os chamados loucos de rua, bem como as experiências de estágios e as etnografias sobre os desconfortos enfrentados no encontro do espaço institucional.

REIS, Daniela Santos e Iyama, Mário Shozo. Saúde mental na população de rua – Reflexões. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1999.

MACHADO, Luciana M. Os sentidos da rua: reflexões de uma terapeuta ocupacional social nas ruas do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado apresentado ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

FERRAZ, Flávio Carvalho. Andarilhos da imaginação – um estudo sobre os loucos de rua. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

ANDRADE, Ernesto Aranha. Loucos de rua: institucionalização x desinstitucionalização. 2001. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense.

FERREIRA, Tânia. Os meninos e a rua – uma interpelação à psicanálise. Autêntica Ed., BH. 2001. FRANGELLA, Simone Miziara. Corpos errantes urbanos – uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2004.

MATOS, Ricardo Mendes. Teoria Psicossocial dos processos de constituição da identidade do indivíduo em situação de rua: da rualização à sedentarização. Relatório Final de Iniciação Científica apresentado ao Departamento de Psicologia da Universidade São Marcos, São Paulo, 2003

No bojo da construção do mercado editorial, ampliaram-se as publicações em torno de relatos de experiências de construção de formas de inserção dos que se encontravam vivendo na rua; e de experiências mais flexíveis

de prestação de serviços, de espaços institucionais, recursos tão somente definidos como amparo a *moradores de rua*, contrapondo centros de recolhimento a centros de referência. Dentre essas diferenciadas experiências, talvez a que mais se destaque, por ser processo relativamente coletivo e inesperado, seja a participação de *moradores de rua* na constituição de assentamento rural pelo programa de reforma agrária.¹⁵

QUINTÃO, Paula Rochlitz. Centros de referência: espaços de moradia transitória e reinserção para a população de rua da cidade de São Paulo. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Paulo, 2000

SANTOS, Marcelo Messias dos & Nascimento, Telma Aparecida do. "Da rua para a terra" – O MST como conquista da cidadania. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000

SILVA, Letícia Andrade da. Cartografia da atenção à saúde da população de rua na cidade de São Paulo: um estudo exploratório. Dissertação de Mestrado em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000.

MARTINS, Maria de Fátima Almeida. A caminho da rua: o encontro com as redes de assistência e a formação de laços sociais entre moradores de rua em Belo Horizonte. Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2001

COSTA, Alderon Pereira da & Magalhães, Pierre Sodré. Com a palavra, a imagem: moradores em situa o de rua e Movimento dos Sem-Terra. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunica o Social com Habilita o em Jornalismo, Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2002.

ENDRIGUE, Taísa da Costa. Repensando o Projeto Boracea – Proposta de abrigo para moradores de rua da cidade de São Paulo. Trabalho Final de Gradua o apresentado   Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2002.

GREG RIO, Bárbara e Silva. A criança de rua e a missão evangélica. NEVES, Delma Pessanha (org.). A gestão da precária inser o geracional. Cadernos do ICHF, no 78, Niterói, ICHF/UFF, 2002.

¹⁵ Não   incomum os participantes do Movimento dos Sem-Terra se apresentarem como referência para muitos moradores de rua, por ocasião das ocupa es ou passeatas em grandes centros urbanos. Aproximando-se dos manifestantes, informando sobre as alternativas, alguns deles se agregam aos sem-terra e se fixam em lotes, com a colabora o dos demais dirigentes do movimento social. A adesão   mais facilmente provocada nos casos de moradores de rua que recebem pensão ou aposentadoria, visto que tais recursos não permitem sustentar a si mesmos e aos demais familiares. A alternativa de obter uma casa ou um espaço para morar   muitas vezes mais estimulante do que propriamente a atividade agrícola, que nem sempre fez parte dos percursos de trabalho.

ALVAREZ, Aparecida Magali de Souza. Resiliência e encontro transformador em moradores de rua na Cidade de São Paulo. Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, 2003.

BASTOS, Carlitta Moraes & outros. Vida e missão – Pastoral do Povo da Rua. São Paulo: Loyola, 2003

MUÑOZ, Jorge Vicente. & Mota, Adriana (org.). População de Rua: Que Cidadania? Cadernos de Educação Popular, no 27, Rio de Janeiro: Nova – Pesquisa e Assessoria em Educação, 2003.

SEIDENBERG, Márcio. Rua com saída – dois projetos de comunicação, que aliam prática jornalística e inclusão social, estão transformando a condição de vida de quem convive nas ruas. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2003.

SHIMABUKURO, Patrícia. A cooperação como alternativa à situação de rua: análise da experiência do MST. Relatório Final de Iniciação Científica apresentado à Faculdade de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.

SOUZA, Adriana Oliveira & Silva, Rosemeire Barbosa da. A. Uma história em 5 atos: A subjetividade e a rua. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Psicologia, Universidade São Marcos, São Paulo, 2003.

WARANDA, Valter. Do direito à vida à vida como direito. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Saúde Materno-Infantil da Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, 2003.

NOGUEIRA, Fabiana da Glória Pinheiro. Hóspedes incômodos: estudo sobre moradores de rua no Hospital de Emergência. 2008. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

WARANDA, Valter. Liminaridade, bebidas alcoólicas e outras drogas: funções e significados entre moradores de rua. Tese de Doutorado em Ciências da Saúde, Universidade de São Paulo, 2009.

Colaborando para alargar a compreensão do fenômeno *população em situação de rua*, inclui-se a expansão inclusiva dos politicamente qualificados *miseráveis* como sujeitos de direitos. Exercícios de pesquisa quantitativa na tabulação de índices de pobreza estimularam importante produção bibliográfica, bem como melhor detalhamento do sistema classificatório correspondente às modalidades de quantificação de informações. Refiro-me especialmente à produção de dados pelo IBGE e IPEA; ou mesmo pelas secretarias de governo que foram recentemente criadas para lidar com a problemática da exacerbada desigualdade socioeconômica no Brasil.

HENRIQUES, Ricardo (ORG). Desigualdade e pobreza no Brasil. IPEA. 2000.

MATTOSO, Jorge. O Brasil desempregado – como foram destruídos mais de 3 milhões de empregos nos anos 90. Ed. Fund. Perseu Abramo, SP. 2001.

LIMA, Ana Luiza Machado de Codes. Mensuração da pobreza: uma reflexão sobre a necessidade de articulação de diferentes indicadores. Caderno CRH. UFBA. Vol. 40, 2004: 129-142.

SCHWARTZMAN, Simon. Pobreza, exclusão social e modernidade: uma introdução ao mundo contemporâneo. Augurium editora. 2004. 238 p.

SPRANDEL, Márcia Anita. Da paisagem ao foco: a pobreza nos discursos sobre o Brasil. Espaços e tempo da política. Relume Dumará. Vol. 26. 2004: 91-108.

SCHWARTZMAN, Simon. As causas da pobreza. Edit. FGV - Rio de Janeiro. 2007,

MÚLTIPLAS FACES DAS SITUAÇÕES DE POBREZA EXTREMA

Iniciamos a organização deste dossiê pelos textos que focalizam experiências fora do Brasil: voltados para caracterização geral do fenômeno em várias metrópoles ocidentais e para experiências pontuais de acolhimento dos moradores de rua de Paris. Tentamos assim demonstrar fatores comuns na composição do segmento em pauta, mas também as especificidades correlativas aos modelos de organização social e de definição da cidadania nessas diversas formas sociais. Em decorrência, podemos ter oportunidade de acompanhar experiências etnográficas de antropólogas brasileiras na convivência com agentes sociais em interação em espaços institucionais, os quais favorecem a reafirmação de determinados vínculos que ampliem o universo de relacionamentos dos *sans domicile fixe*.

Patrick Gaboriau, operando em plano mais amplo e por excelente trabalho comparativo, focaliza três experiências de pesquisas junto a habitantes de rua de distintas cidades. Permite ao leitor acompanhar certa generalidade de fatores que operam na produção social do segmento populacional integrado em extremas condições de precariedade, mas também compreender o quanto os fatores intervenientes são expressões de alternativas e constrangimentos que, em cada contexto, os homens em vida social propiciam e dependem. Pelo artigo “Sem domicílio em Paris, Moscou e Los Angeles. Um etnólogo em três campos de pesquisa: tentativas de esclarecimento”, ele ainda desenvolve importantes reflexões metodológicas em torno da etnografia em grandes espaços urbanos e do uso do método comparativo elaborado para considerar um problema generalizável nas grandes metrópoles.

Nos dois artigos que se sucedem, as reflexões giram em torno de unidades de convivência de voluntários em instituições filantrópicas ou humanitárias, como é o caso francês, com pessoas qualificadas como sem domicílio fixo. Mesmo que as situações empíricas analisadas sejam bastante próximas, em cada uma se desenham formas específicas de relacionamento, mas principalmente problemáticas suscitadas pelo princípio de alteridade que une filantropos e assistidos ou usuários institucionais.

Pelo artigo “Nova pobreza e paradoxos da política de inclusão social francesa: considerações a partir de uma oficina cerâmica no Socorro Católico”, Claudia Turra Magni analisa, por elaboração etnográfica, uma experiência de pesquisa junto a uma associação parisiense, fundada após a II Guerra Mundial. Por tal longevidade existencial, a instituição testemunha adaptações na prática caritativa, em conformidade com as novas configurações de precariedade na sociedade francesa, sem perder as imagens fundadoras, que remetem ao cristianismo primitivo. Na atualidade, a parceria com os poderes públicos revela novas formas de relacionamento com o Terceiro Setor, por cujo quadro institucional o poder estatal visa a fazer face às situações de exclusão social, desconhecidas (ou irreconhecidas) até então; e por cujos serviços, ele consolida as chamadas políticas de inclusão social e cultural, exemplificadas, no caso em apreço, por oficina artística, na qual o público sem-domicílio fixo acolhido desenvolve trabalhos em cerâmica.

Se Claudia Turra Magni enfatiza a compreensão do quadro institucional e das formas de participação dos *sans domicile fixe*, Jaqueline Ferreira, voltada para essa mesma experiência de trabalho de campo em outro país, considera outra situação, focalizando, por caráter relacional, os problemas vividos pelos voluntários diante do desejo de ajuda e da impotência da projeção de sentidos para o outro. No artigo “Tratar, cuidar: valores e práticas terapêuticas na assistência humanitária ao *sans domicile fixe*”, a autora discute a interação entre médicos humanitários e os *sans domicile fixe* que estão vinculados a um dos Centros de Saúde da organização humanitária médica francesa: *Médecins du Monde*.

Ela traz assim à reflexão os meios pelos quais aqueles profissionais de saúde são obrigados a repensar seus valores e práticas, em virtude das características constitutivas do modo de viver dos *sans domicile fixe*. Na impossibilidade de aplicar os serviços que os médicos e para-médicos valorizam e se ressentem por não estar ao alcance desses usuários, motivação principal do trabalho voluntário ou humanitário, esses agentes sociais vêem-se diante de exercício coletivo de redefinição de competências e objetivos celebrados para os serviços que oferecem. Eles

se fundamentam, então, noutra modalidade de ação, concebida como *acolhimento humanitário*, isto é, relacionamento que provê os dois tipos de agentes (prestadores de serviços e usuários) de oportunidades de extrair valorização e satisfação no *encontro*.

Os dois artigos seguintes estão voltados para a reflexão da experiência da *população em situação de rua* no Brasil. Em “Habitantes de rua e vicissitudes do trabalho livre”, Delma Pessanha Neves ressalta, a partir da reflexão em torno de situações contextuais diferenciadas, o reconhecimento das especificidades significativas da categorização social *mendigo*; e de sua denegação cognitiva, no decorrer do processo em que indivíduos e famílias foram mais espetacularmente se instalando nas ruas, sendo então requalificadas como *população de rua*. Em cada situação e contexto, a autora leva em conta os fatores que demarcam formas patrimoniais de apropriação do espaço público, em grande parte também diferenciadas pelas reações mais ou menos contundentes que essa presença provoca nos demais concidadãos. Para demonstrar alguns dos fatores que unem as duas experiências sociais, a autora constrói reflexões a respeito de formas inaceitáveis ou extremas de imobilização da força de trabalho por agentes de setores produtivos que operam com agregação pontual e descontínua de trabalhadores. Tais condições são fundamentais à crescente reprodução de *trabalhadores e moradores de rua*.

Complementando a reflexão, a autora destaca os limites interpretativos quando restritos ao plano estrutural, levantando, em contraposição, algumas situações em que os trabalhadores assim recrutados não conseguem enfrentar situações de prolongada inatividade. Associam então trabalho e mendicância, atividade remunerativa e demanda por assistência social. O peso de cada alternativa no jogo de possibilidades depende de fatores externos aos próprios *moradores* ou *trabalhadores de rua*, mas também à idade e às condições de saúde; ou mesmo de certo apoio institucional pautado no respeito, por reconhecimento de que se trata de forma de investir no controle do acesso a algumas possibilidades de reprodução social; e relativa autonomia na detenção de recursos básicos à vida biológica e social.

Contrapondo com um estudo de caso sobre formas de atendimento ou acolhimento à *população de rua*, exemplo restrito por opção diante do limite para inclusão de artigos, integramos o artigo “A rua como espaço de interação social: um estudo antropológico das relações entre população em situação de rua e grupos caritativos”, de Tiago Lemões da Silva. Ele apresenta uma etnografia sobre os investimentos institucionais e as formas de recepção dos que disputam a distribuição de alimentos por

limitada a um único dia da semana e ao jantar. Esse mesmo serviço é assegurado aos *sans domicile fixe* de Paris, mas nos casos aqui considerados, está em jogo como valor a negação do relacionamento social aos que se encontram também providos, aqui e ali, dos alimentos básicos.

Finalizando a apresentação, gostaria de estimular a reflexão do leitor em torno de certa diferença no encaminhamento político da questão social que o fenômeno *população de rua* demarca. Limito-me, muito sinteticamente, a destacar os investimentos políticos que são realizados em torno da reflexão coletiva sobre a requalificação dos coletores de lixo, hoje *trabalhadores* na reciclagem de resíduos, termo oficialmente integrado à CBO – *Classificação Brasileira de Ocupações*. Ressalto também os investimentos políticos que vêm sendo colocados em prática para dotar a *população em situação de rua* de política social em conformidade aos direitos correspondentes à cidadania; mas também específica, em conformidade aos fatores que impedem tais homens e mulheres de operarem como trabalhadores plenos. Limite que opera a despeito de a ideologia disciplinadora ou repressora constitutiva da condição trabalhadora advogue o engajamento geral ou em abstrato. Gostaria então de concluir reafirmando que, se o dever do trabalho se impõe abstratamente para todos adultos, em face da forma predominante de organização social e produtiva de nossa sociedade, tal dever só se realiza se alguns dos pressupostos sociais puderem conformar os trabalhadores para a venda da força de trabalho. Desses pressupostos, somos obrigados a reconhecer, a maioria dos *moradores de rua* de há muito se viram espoliados.